

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

O Estado de São Paulo

Class.:

NO-AM / Geral

Data

17.07.76

Pg.:

175

Indio que matou na Colômbia vai receber proteção

ESP.

17-7-76

Do Correspondente em
MANAUS

O índio Eduardo Alvares, da tribo Maku, que atravessou a fronteira com a Colômbia, no rio Wauppes, e foi preso por prática de homicídio deverá ser trazido para Manaus como medida de precaução da Funai, que teme que a polícia colombiana venha buscá-lo no lado brasileiro para ser julgado no local do crime. O indígena, que está sob tutela da Funai, matou um agricultor colombiano a golpes de facão, em dias da semana passada, sendo preso e levado para Mitu, na fronteira, onde só foi liberado depois que a Funai enviou para a região um advogado do seu Departamento Jurídico.

Fontes da Funai informaram ontem que o presidente Ismarth de Oliveira já teria determinado à delegacia do órgão em Manaus a retirada do indígena da região dos Maku, temendo que ele venha a ser preso novamente. As mesmas fontes acrescentaram que o índio Eduardo Alvares é bastante conhecido dos agricultores e mateiros colombianos, e por isso, ficando na região, será facilmente identificado e recapturado, embora as autoridades colombianas o tenham liberado imediatamente à chegada do advogado da Funai.

EXPLORADOS

Os índios Maku — considerados uma das maiores populações indígenas da

Amazônia, com cerca de 4.500 pessoas — só agora estão sendo contactados pela Funai, que mantém na área duas bases, a de Atalaia do Norte, no rio Içana, afluente do Solimões, e em Iaureteh, no rio Wauppes, afluente do rio Negro, que fazem fronteira com a Colômbia. Frequentemente, os índios ultrapassam a faixa de fronteira e se misturam com lavradores e gateiros (caçadores de onça) colombianos, com quem comercializam trocando seus produtos por bebidas alcoólicas. A missão salesiana do alto rio Negro, com sede em São Gabriel da Cachoeira, já fez vários relatórios à Funai denunciando ocorrências e atritos entre os índios Maku e "gateiros" colombianos, que chegam a contratar os indígenas para a caça a animais silvestres, pagando a eles uma garrafa de cachaça por uma pele.

Nos últimos três anos, os índios Maku, bastante arreios devido a contatos não muito amistosos que mantêm com os "gateiros", e devido à exploração que sofrem dos regatões (comerciante ambulante dos rios amazônicos), têm praticado uma série de ataques contra mateiros e sertanistas da Funai. No começo do ano passado, eles atacaram pela segunda vez, em menos de três meses, o posto da Funai no rio Itacoá, no alto Solimões, matando o chefe do posto e dois funcionários. Este ano, um novo ataque, com a morte de um funcionário.